



Revista Trágica

Volume 17 - Número 02 ISSN 1982-5870

Editorial

Arte, política e filosofia: uma zona de gênese comum em Deleuze e Guattari

Rodrigo Guéron, Amanda de Almeida Romão,
Bernardo Moreira, Caio Hoffmann & Mariana de Toledo Barbosa

Arte e Política foi o título tema do IX Encontro do GT Deleuze e Guattari, que aconteceu entre os dias 16 e 20 de outubro de 2023, na UERJ. Este encontro, o seu tema, e alguns dos trabalhos que nele foram apresentados confluem para três números da *Revista Trágica. Estudos da Filosofia da Imanência*, dos quais este é o primeiro.

Arte e política como tema pode ser visto, de início, como o diálogo, e sobretudo a relação, entre dois campos de conhecimento, e não deixa, também, de sê-lo. Seria de se supor, no entanto, que arte e política, como tema de uma revista de filosofia publicada a partir de um encontro mobilizado por um GT (Grupo de Trabalho) da Anpof, cujos professores e pesquisadores trabalham com Gilles Deleuze e Félix Guattari, seriam articuladas a partir da filosofia. Mas esta conclusão, apenas aparentemente óbvia, já se tornaria no mínimo problemática se considerarmos as formas como estes dois autores concebem a relação entre filosofia, arte e política, numa articulação de que a própria utilização do termo “relação” já não seria o suficiente para dar conta. Começemos então por filosofia e arte, porque a própria questão política vai aparecer, de certa forma, daí. Para começar, ambas são definidas por Deleuze e Guattari como duas potências do pensamento, às quais se soma a ciência. Assim, mesmo os que têm leituras básicas sobre os dois autores provavelmente já aprenderam que eles definiram a filosofia como “a arte de criar conceitos”, enquanto a arte cria “perceptos e afetos”, ou “blocos de sensações” e, finalmente, à ciência compete criar “funções”.

No que tange à filosofia e à arte, a primeira coisa que é preciso destacar é uma horizontalidade na relação entre as duas como potências do pensamento, o que contraria a tendência majoritária na história da filosofia de, no mínimo, sujeitar a experiência artística ao conceito, tendência que era, ou é, uma consequência do que Nietzsche, em poucas palavras, denunciou como a “condenação moral do corpo”.

É aqui que entra a política, isto é, no corpo, que é onde se agencia uma grande zona de interseção entre arte e filosofia, uma vez que, para os dois filósofos, o pensamento nasce de algo que acomete o corpo, como uma violência, uma desorganização do conforto-clichê das

percepções e sensações mais ou menos habituais, e também, é claro, de uma suspensão dos conceitos e pensamentos de outrora que viraram jargões e palavras de ordem.

Pois bem, é no corpo que está a gênese da política, que é articulada com a própria gênese do *socius* como inscrição: codificação e marcação de corpos. É aqui que está a interseção da qual falamos, posto que um corpo, ou um grupo de corpos, sujeitados no coração de uma máquina social – e, portanto, politicamente sujeitados – é, ou são, aqueles nos quais foi produzida uma impotência; no limite, uma violência propriamente dita. Mas é aqui que pode estar a passagem da passividade e da sujeição à ação política. Notemos, então, a semelhança com o que, para os dois autores, aciona em nós o pensamento: uma violência que acomete o corpo e o impele a pensar, seja pensamento-filosofia (conceitos), seja pensamento-arte (bloco de sensações).

Assim é, por exemplo, no extremo onde a violência política – a violência do poder – produz o horror, que Deleuze e Guattari vão encontrar a gênese da arte, citando, por exemplo, um corpo que sobreviveu por muito pouco: o do escritor italiano Primo Levi, sobrevivente do campo de morte de Auschwitz. A arte nasce, dizem os dois autores, da vergonha de ser homem. Assim, não resta dúvida de que estamos falando de um nascimento claramente político da arte. Inseparável, aliás, da pergunta que Deleuze e Guattari assinalam como o problema fundamental da filosofia política, a partir da leitura que fazem do prefácio do *Tratado Teológico-Político* de Espinosa, qual seja, “Por que os homens combatem por sua servidão como se se tratasse da sua salvação, da sua liberdade?”, questão que inquiri sobre uma impotência produzida nos corpos como uma operação decisiva do poder, visto que o poder requer “corpos tristes” para melhor sujeitá-los. É nesse sentido que Deleuze e Guattari delimitam os corpos e a sensibilidade como uma espécie de território comum entre arte e política, política e arte, território este onde se aciona a própria filosofia como uma potência do pensamento, que é ela também “estético-política”. Não por um acaso, a palavra “arte” está já ali na definição de filosofia; ainda uma vez: “a arte de criar conceitos”.

Do ponto de vista da pesquisa filosófica em geral, é este território comum como uma espécie de “zona de gênese” de arte, política e filosofia, que nos coloca a necessidade incontornável de uma atenção para o “de fora” da filosofia; quer dizer, o também já conhecido “sair da filosofia pela filosofia” de Deleuze, implica, na verdade, mais do que esta atenção, um deixar-se afetar tanto pelas criações artísticas quanto pelos movimentos e ações políticas que propõem e forçam a abertura de novos sentidos e perspectivas, novas maneiras de perceber, sentir, pensar, viver, no coração da máquina social de que somos parte. É isso que explica, por exemplo, a política que o GT Deleuze e Guattari tem tido nos últimos anos de trazer para os seus encontros não só a imprescindível pesquisa filosófica em torno dos temas, problematizações, criações de conceitos e noções dos dois autores, mas também diferentes criações e experiências artísticas, além de lideranças que são ativistas e formuladoras das lutas sociais e políticas que eclodiram nos últimos anos.

É desse lugar de gênese comum entre arte, política e filosofia que partiu o IX Encontro do GT Deleuze & Guattari, e é igualmente dele que nascem os três números que organizamos, nos quais se nota a forte presença de artigos de pós-graduandos, que reflete sua importante participação no GT e indica que a experimentação filosófica inaugurada por Deleuze e Guattari ainda nos força a pensar.